

**VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO NA
PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**VI SEMINARIO INTERNACIONAL DESHACER EL GÉNERO DESDE LA
PERSPECTIVA DE ESTUDIANTES DE CIENCIAS BIOLÓGICAS**

Iandra Santos Lacerda

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
iandramidia2@gmail.com

João Victor Dias Costa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
joaocosta2200@gmail.com

Luciana Aguilar-Aleixo

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
lucianaaleixo@uesb.edu.br

RESUMO

Gênero e sexualidade ainda são temas pouco debatidos, principalmente no âmbito escolar. Discussões acerca de gênero são essenciais para compreender quais construções sociais e históricas foram produzidas ao longo do tempo sobre as características biológicas. Dessa forma, a mesa-redonda “Desfazendo o gênero, a sexualidade e a raça/etnia no discurso biológico” teve como objetivo desconstruir essas temáticas sob a perspectiva biológica e produzir inquietações que proporcionam um novo pensar sobre o Ensino de Biologia. Concluiu-se que a mesa-redonda foi muito importante para a formação social e profissional dos participantes, disseminando o respeito à diversidade, descredibilizando falas e comportamentos preconceituosos.

Palavras-chave: Biologia; Raça/etnia; Sexualidade.

Eixo temático: 7. Inclusão e interseccionalidades no ensino de Ciências e Biologia.

Modalidade: Relato de experiência pedagógica.

RESUMEN

El género y la sexualidad son temas poco debatidos, especialmente en las escuelas. Las discusiones sobre género son esenciales para comprender qué construcciones sociales e históricas se han producido a lo largo del tiempo sobre las características biológicas. Así, la mesa redonda “Deshacer el género, la sexualidad y la raza/etnicidad en el discurso

biológico” tuvo como objetivo deconstruir estos temas desde una perspectiva biológica y producir inquietudes que aporten una nueva forma de pensar la Enseñanza de la Biología. Se concluyó que la mesa redonda fue muy importante para la formación social y profesional de los participantes, difundiendo el respeto a la diversidad, desacreditar discursos y comportamientos prejuiciosos.

Palabras clave: Biología; Raza/etnicidad; Sexualidad.

Eje temático: 7. Inclusión e interseccionalidades en la enseñanza de las Ciencias y la Biología.

Modalidad: Relato de experiencia pedagógica.

INTRODUÇÃO

Questão de Gênero na Biologia

Pagan (2020) defende que a ciência é dotada de neutralidade e imparcialidade diante dos fatos, contudo, entender não é o bastante, faz-se necessário sentir, mergulhar-se em profunda reflexão e conectar-se com a emoção e com os afetos, utilizando-se de elementos não-rationais para expressar-se acerca das questões de gênero. A ciência patriarcal e colonizadora enquadra os indivíduos em “caixinhas” que propiciam o silenciamento de padrões diferentes do que é concebido como ser homem ou mulher. Desse modo, diálogos acerca do gênero na Biologia são extremamente necessários, haja vista que essa é uma área que costuma definir um objeto de acordo com suas características, no entanto, é necessário transcender os horizontes da caracterização pois existem outras possibilidades que desafiam a visão dicotômica dos corpos (Santos, 2018).

O conceito de gênero engloba as construções social, cultural e histórica, pois a sociedade é marcada por representações que definem o que é ser homem, ser mulher, assim como o que é um corpo masculino ou feminino e, dessa forma, o indivíduo recebe influências do ambiente e da realidade em que ele vive (Souza; Dinis, 2010). Desse modo, o gênero ultrapassa as fronteiras do masculino e feminino e pode ser explicado a partir do pensamento foucaultiano como um produto de diferentes tecnologias sociais (Adam *et al.*, 2022). Assim, ele não está limitado apenas a características anatômicas e fisiológicas, mas também pressupõe-se que os corpos estão em constante mudança (Souza, 2018).

Para Louro (2013), dirigir o foco das discussões acerca do gênero para o âmbito social não constitui uma tentativa de negar a biologia, mas de destacar as construções sociais e históricas que foram produzidas ao longo do tempo sobre as características biológicas. Sendo assim, a construção do gênero se dá a partir de discursos, os quais ditam que formas são as “verdadeiras” na constituição de pessoas como sujeitos; dessa maneira designam um padrão, o qual serve para regular os sujeitos e institui um modelo a ser seguido (Oliveira; Ferrari, 2021)

Diante disso, é necessário ampliar o olhar e desconstruir a visão do gênero como algo dado ou que faz parte da essência e entender o seu papel no “jogo do verdadeiro e falso que está organizando os saberes sobre os sujeitos, seus corpos, seus desejos e seus gêneros e sexualidades” (Oliveira; Ferrari, 2021, p. 202). Assim, a crítica ao determinismo biológico tem como base as amplas variações dos papéis de gênero que são evidenciados através de fatos históricos e culturais (Soares; Monteiro, 2019).

Abordagem Biológica do sexo

O termo sexo refere-se à manifestação da sexualidade dos indivíduos, bem como suas características biológicas e influências hormonais na formação de caracteres sexuais secundários (Leite; Santos, 2018). O sexo muitas vezes é visto como algo natural e imutável, uma forma de reafirmação dos conceitos de feminino ou masculino. Contudo, é necessário que as diversas formas de feminilidade e masculinidade sejam reconhecidas e respeitadas, já que a sexualidade não se restringe apenas à dimensão sexual, mas também é influenciada pela cultura, história, práticas e vivências (Souza, 2018). Vale destacar que o sexo não é anterior ao gênero, pelo contrário, os dois se complementam (Marin; Oliveira, 2019).

No entanto, a visão foucaultiana destaca que a sexualidade não é algo inerente ao ser humano; pelo contrário, foi produto dos estudos iniciados no século XVIII e passou a ser interesse dos cientistas com o advento das ciências sexuais que, segundo Foucault, atendia aos interesses sociais e políticos (Oka; Laurenti, 2018). Dessa forma, os conceitos e características biológicas foram construídos ao longo da história, baseados em materiais e estudos produzidos por homens que escreveram seus trabalhos sob a ótica masculina, silenciando grupos minoritários como mulheres, homossexuais e transsexuais. Vale

ressaltar que na Europa Ocidental do século XIX, existia uma segregação sexual, na qual apenas homens podiam participar dos espaços públicos e das esferas políticas, detendo os cargos de poder, enquanto que as mulheres eram restritas à maternidade e aos trabalhos domésticos (Perrot, 2017, p. 171).

Pode-se destacar três dimensões em que a identidade sexual está atrelada: dimensão biológica, dimensão de gênero e a orientação de desejo. Primeiramente, a dimensão biológica pode ser compreendida como a associação de características externas como os órgãos sexuais e características genéticas, como os cariótipos XX no sexo feminino e XY no sexo masculino. Já a dimensão de gênero aborda sobre as diferenças de funções sociais atribuídas a homens e mulheres. Por fim, as orientações de desejo são definidas como as manifestações da sexualidade humana, como a homossexualidade, bissexualidade e heterossexualidade, por exemplo (Leite; Santos, 2018).

É importante destacar que além dos cariótipos XX e XY também existem outras configurações cromossômicas, como XXY, XYY, XXX, XXYY e X0. Vale ressaltar que nem sempre os cariótipos XX e XY originam genitálias femininas e masculinas, respectivamente e a presença dessas genitálias não significa que haverá produção de hormônios relacionados a elas (Marin; Oliveira, 2019).

Diversidade

As discussões sobre os corpos são tratadas, na maioria das vezes, apenas do ponto de vista biológico, ofuscando assim sua construção social, cultural e histórica. Além disso, debates sobre gênero e sexualidade ainda são negligenciados na sociedade, especialmente no âmbito escolar, pois o currículo vigente nas escolas e até em algumas universidades não aborda a necessidade de compreender a pluralidade dos indivíduos, fazendo com que preconceitos sejam cada vez mais disseminados (Damacena *et al.*, 2017).

Fernandes (2009) defende que o ser humano fala sobre si e da sua história através de suas diferenças e individualidades. Contudo, segundo Toledo e Pinafi (2012) existe uma hierarquia entre as identidades de gênero e sexuais, sendo que a heteronormatividade está no topo dessa pirâmide, enquanto que a homossexualidade historicamente sempre foi julgada como uma conduta anticristã e doentia. Além disso, os autores ressaltam que os

indivíduos que se identificam como homossexuais ou transgênero enfrentam frequentes retaliações, como atos violentos e insultos.

Vale destacar que o Brasil é considerado o país mais homotransfóbico do mundo, sendo que no ano de 2023 ocorreram 257 casos de mortes violentas, sendo que dessas a maioria das vítimas eram travestis e transgêneros. Ademais, existe um alto número de subnotificações, pois não existe um órgão governamental que contabilize essas ocorrências e as estatísticas existentes são oriundas de organizações não governamentais (ONG's) e voluntários (Portal G1, 2024).

O conceito de corpo na sociedade contemporânea é fundamentado principalmente em explicações biológicas, descartando as diferenças entre os indivíduos e aquilo que se desvia do que é considerado “natural”. Ao longo da história, o pensamento científico bem como os estudos acerca de gênero e sexualidade foram influenciados pela sociedade conservadora, como no século XIX em que o corpo feminino era visto como incompleto e instável e pensava-se até que as mulheres eram “homens invertidos”. Dessa forma, pode-se dizer que o desconhecimento sobre o tema sustentou preconceitos e foi utilizado para aumentar ainda mais as desigualdades sociais entre os sexos (Senkevics; Polidoro, 2012).

Barzano (2016) afirma que os professores de Biologia, muitas vezes, não se sentem preparados para abordar temas como a sexualidade e homossexualidade nas salas de aula. Isso se deve ao fato das grades curriculares dos cursos de Ciências Biológicas serem voltadas para áreas especializadas como Zoologia e Botânica, por exemplo, não atendendo às necessidades do currículo escolar contemporâneo. Por isso, o objetivo deste trabalho é promover um encontro com estudantes de graduação para debater sobre o tema e produzir inquietações e sentimentos provocativos que proporcionam um novo pensar sobre o Ensino de Biologia. Dessa forma, esse repensar estimula os estudantes, futuros professores ou não, a acolherem os corpos que fogem dos padrões de normalidade e quebrar paradigmas de que existem verdades biológicas que amparam a binaridade de gênero. Enfim, segundo Santos (2018), por meio de encontros e diálogos é possível que os corpos afetem e sejam afetados.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O “VI Seminário Internacional Desfazendo Gênero” ocorreu na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Vitória da Conquista-BA, entre os dias 10 a 14 de novembro de 2023. Durante esse período houve simpósios temáticos com apresentações de trabalhos, mesas-redondas, oficinas, rodas de conversa, minicursos, dramatizações, apresentações de dança e mostras fotográficas. Parte da equipe do programa de extensão “Evolução Para Todos” contribuiu ativamente durante o evento, auxiliando os palestrantes, ministrantes e outros convidados.

O presente relato de experiência irá focar nas atividades voltadas para a desconstrução do gênero, da sexualidade e da raça/etnia no discurso biológico. Além da organização de uma mesa-redonda sobre o tema, a qual contou com três palestrantes externas e dois professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), a equipe do programa de extensão Evolução Para Todos apresentou dois trabalhos abordando assuntos que dialogam com tema central da mesa-redonda e contribuiu na organização de Simpósios Temáticos e demais atividades.

A mesa-redonda intitulada: “Desfazendo o gênero, a raça/etnia no discurso biológico” ocorreu no dia 13 de novembro de 2023. As três palestrantes do evento foram as professoras doutoras Alice Alexandre Pagan (UFMT), Elenita Pinheiro de Queiroz (UFU) e Patrícia Santana Reis (UNEB). A doutora Alice Alexandre Pagan é especialista na área da Educação, com ênfase em Educação Científica e Educação em Saúde. A doutora Elenita Pinheiro de Queiroz atua em pesquisas sobre corpo, gênero, sexualidade e educação. A doutora Patrícia Santana Reis é especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior. A mesa-redonda foi mediada pelos doutores Luciana Aguilar Aleixo e Marcos Lopes, ambos professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Após as palestras, os ouvintes realizaram perguntas sobre o tema abordado e interagiram com as palestrantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com centenas de participantes, o VI Seminário Internacional “Desfazendo o Gênero” cumpriu seu objetivo ao reunir um público heterogêneo em discussões voltadas para a desconstrução de estereótipos, bem como ao combate de posturas misóginas, homofóbicas e transfóbicas. A mesa-redonda “Desfazendo o gênero, a sexualidade e a

raça/etnia no discurso biológico” (Figura 1) suscitou uma reflexão profícua sobre o papel social dos educadores da área de Ciências Biológicas, trazendo elementos que evidenciam a importância deste relevante tema na formação inicial e continuada de professores de biologia.

A primeira palestrante discutiu sobre como o determinismo genético influencia no entendimento de gênero e sexualidade e deu exemplo de uma vídeo aula no *YouTube*, em que o professor de Biologia falava sobre um “padrão natural” do corpo feminino e masculino, excluindo a abordagem sobre os intersexos e diferentes visões sobre a sexualidade do indivíduo. Além disso, destacou as dificuldades que alunos trans têm devido à falta de abordagem sobre o tema nas escolas, propiciando um ambiente hostil e de desrespeito a essas pessoas.

Figura 1: Mesa-redonda: Desfazendo o gênero, a sexualidade e a raça/etnia no discurso biológico. a- Card de divulgação do evento. b- Palestrantes e mediador durante o debate.



Fonte: Acervo dos autores.

Para Pagan (2018) é inadequado representar homens e mulheres através dos cromossomos XY e XX, respectivamente. Os cromossomos não convertem os indivíduos em homens e mulheres, já o gênero sim é um produto da cultura. Ela questiona o fato de uma mulher transgênero não ser considerada como mulher na sociedade, assim como as pessoas X0 e XXY. Também ressalta que ser mulher não é possuir um conjunto de características, mas sim reconhecer-se como tal e ser respeitada.

A segunda convidada enfatizou os desafios que os educadores enfrentam ao trabalhar com jovens que estão aprendendo a aceitar sua sexualidade. Muitas vezes os jovens não

encontram o apoio familiar necessário para lidar com as inúmeras questões causadas pela não aceitação de seu corpo, ou pelo não enquadramento em padrões preestabelecidos.

As disciplinas de ciência e biologia ensinam sobre as relações de gênero e sexualidade e como os sujeitos pensam seus corpos, comportamentos, experiências e desejos a partir de referenciais específicos (Castro; Reis, 2019). Os autores consideram oportuno colocar sob suspeita uma organização curricular que possa reproduzir certas construções sociais, culturais e históricas da heteronormatividade. Um desafio a uma nova abordagem da sexualidade em salas de aula de biologia é a falta de formação inicial e continuada de professores para lidar com este assunto sem uma postura determinista, que leva em consideração apenas uma explicação biológica descontextualizada.

A terceira palestrante reforçou sobre as dificuldades que mulheres negras enfrentam na busca pela valorização da sua ancestralidade e de sua identidade étnico racial. Ela trouxe relatos de mulheres que sofreram discriminação e injúria racial, mas que muitas vezes não sabiam como reagir a essas retaliações e a quem recorrer. Desse modo, observa-se que as mais atingidas são aquelas que estão à margem da sociedade e desprovidas de amparo do Poder Público. Em contrapartida, também trouxe histórias de mulheres que entenderam a importância de se impor e denunciar comportamentos e falas preconceituosas, já que é necessário buscar o amparo legal para evitar a disseminação do racismo.

Silva e Lima (2021) refletiram alguns relatos de uma professora de Ciências sobre a relação entre gênero e questões étnico raciais e foi percebido que as meninas negras demonstraram mais timidez e insegurança que os demais alunos durante as aulas sobre educação sexual, provavelmente devido a recorrentes silenciamentos impostos às meninas negras ao longo de sua trajetória histórica.

Observou-se que a grande maioria dos ouvintes da mesa-redonda eram estudantes de Ciências Biológicas da UESB, os quais se mostraram bastante interessados no tema e fizeram muitas perguntas e comentários dirigidos às palestrantes durante o momento de debate. Adam e colaboradores (2022) avaliaram a mesa-redonda “Entre o Biológico e o Social: tecnologias de gênero, racismo/antirracismo e saúde” e relataram que debates sobre gênero, sexualidade e antirracismo são cruciais, visto que comportamentos

machistas, misóginos, racistas e homofóbicos continuam perpetrados na sociedade atual. Nesse contexto, é cada vez mais necessário que essas discussões ocorram no ambiente escolar e acadêmico, a fim de combater o preconceito e contribuir na construção de uma sociedade cada vez mais justa e igualitária.

A discussão e abordagem de temáticas como essa são essenciais para uma compreensão mais ampla de questões que são multidisciplinares e complexas. Debater acerca de temáticas que estão associadas ao campo da sexualidade é fundamental, pois a mesma atravessa e molda vários aspectos da vida humana, se estendendo para além de sexo e reprodução, abarcando identidades sexuais e de gênero, envolvimento emocional, amor e erotismo (Souza, 2018). Diante desse cenário, é evidente que a pesquisa educacional, bem como a formação e a prática docente questionem os aspectos heteronormativos enraizados nas práticas pedagógicas e nos espaços de educação, realizando a desconstrução/reinvenção de perspectivas já existentes, visto que grande parte dos conhecimentos acerca de gênero e sexualidade foram elaborados em outros momentos da história, e portanto são passíveis de críticas e podem ser reformulados (Souza; Dinis, 2010).

Um dos resumos expandidos produzido pela equipe do programa de Extensão Evolução Para Todos foi intitulado “A utilização de vídeos no *Youtube* como forma de divulgação científica e combate ao preconceito e desinformação”. Neste trabalho foram apresentados os vídeos “Homossexualidade no Reino animal (parte 1)” e “A homossexualidade é uma característica genética? (Parte 2)” produzidos pelo canal Rubisco’s e veiculados no *YouTube*. A temática atraiu grande número de visualizações, mostrando o potencial desta plataforma para a divulgação científica e desconstrução de estigmas e preconceitos.

O outro resumo apresentado teve como título “O mundo precisa de ciência e a ciência precisa de mulheres: Evolução Para Todos e o protagonismo feminino na ciência”. Focado em divulgar mulheres notáveis na ciência e aumentar o reconhecimento delas no meio científico, o programa de extensão dedicou o mês de março de 2022 às contribuições de 15 mulheres de destaque nas Ciências Biológicas e áreas afins, muitas delas injustiçadas, recebendo pouco destaque, a despeito da importância de suas pesquisas. Além da produção de *podcasts* para a rádio UESB e publicações no *Instagram* do

programa, foi realizada também a mesa-redonda “Diversas, mas não dispersas: uma agenda comum para mulheres, LGBTs e população negra na ciência”.

Este conjunto de ações, incluindo publicações no *Instagram* do programa, veiculação de *Podcasts* sobre a temática na rádio universitária, produção de vídeos para o *YouTube* e realização de mesas-redondas, têm sido importantes estratégias utilizadas pelo programa de extensão Evolução Para Todos visando ampliar o debate sobre gênero, sexualidade e racismo/antirracismo. Essas atividades contribuem para a divulgação científica, alcançando diferentes esferas da sociedade e especialmente para a formação da equipe do programa, formado por mais de vinte futuros profissionais das Ciências Biológicas que têm a oportunidade de refletir sobre essas temáticas preparando-se para exercer a profissão com criticidade e um olhar sensível à diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a mesa-redonda “Desfazendo o gênero, a raça/etnia no discurso biológico” contribuiu de forma significativa para a desconstrução de preconceitos e ideias negativas que estão enraizados na sociedade. Também foi essencial para disseminar o respeito às diferenças, colaborando para a formação social e profissional dos estudantes. Vale destacar que as palestrantes exploraram formas de abordar a temática em sala de aula, sendo de grande importância para os estudantes de licenciatura, visto que sexualidade e gênero são assuntos muitas vezes evitados, seja por conta das escolas ou pelas famílias que ainda possuem uma grande resistência à abordagem do tema.

Além disso, esse debate foi necessário para promover o esclarecimento acerca das questões de gênero e conscientizar os ouvintes para que eles possam levar essas informações para fora da universidade e alcançar familiares e conhecidos, evitando que falas e comportamentos preconceituosos sejam reproduzidos. Um conforto para os organizadores foi a percepção de que os estudantes se mostraram engajados com a temática e participaram ativamente da mesa-redonda, tornando-a mais rica com seus relatos pessoais.

Contudo, houve sentimentos de indignação dos ouvintes após a palestrante relatar histórias de mulheres negras que cotidianamente têm que enfrentar situações de preconceito devido à sua cor de pele. Também se sentiram tocados com o preconceito contra pessoas trans, que ainda é bastante presente, principalmente nas escolas, o que propicia a evasão escolar. Pode-se afirmar que o evento foi efetivo e levou à reflexão sobre o tema, bem como ao diálogo de ideias e à participação dos ouvintes. No entanto, atingiu em sua maioria, estudantes do curso de Ciências Biológicas e não alcançou um número significativo de pessoas de fora do âmbito acadêmico.

A mesa-redonda supracitada, somada às outras atividades vivenciadas durante o “VI Seminário Internacional Desfazendo Gênero”, foi de grande relevância à formação da equipe do programa de extensão Evolução Para Todos. Somam-se ao evento as outras atividades que o programa de extensão Evolução Para Todos desenvolve voltadas para a desconstrução de estigmas e preconceitos. Juntas, essas ações têm impacto importante tanto sobre a formação dos estudantes de Ciências Biológicas da UESB, quanto sobre os demais seguidores do programa.

REFERÊNCIAS

ADAM, L. B.; OLIVEIRA, N. J.; SOUZAS, R.; AGUILAR-ALEIXO, L. A importância da análise crítica sobre tecnologias de gênero e racismo/antirracismo. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, v. 3, n. 9, p. 1-17, 2022. DOI: 10.22481/reed.v3i9.11295. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/11295>. Acesso em: 04 abr. 2024.

BARZANO, M. A. L. Currículo das margens: apontamentos para ser professor de Ciências e Biologia. *Revista Educação em Foco*, v. 21, n. 1, p. 105-124, mar./jun. 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/72476091/Curr%C3%ADculo_das_margens_apontamentos_para_ser_professor_de_Ci%C3%A2ncias_e_Biologia. Acesso em: 04 ago. 2024.

BRASIL registra 257 mortes violentas de pessoas LGBTQIA+ em 2023, uma a mais que em 2022, e segue como país homotransfóbico do mundo. **Portal G1**, Bahia, 20 jan. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2024/01/20/mortes-violentas-de-pessoas-lgbtqia-na-ba-2023.ghtml>. Acesso em: 20 abr. 2024.

CASTRO, R. P; REIS, N. “Eu comecei a dar uma aula mais biológica mesmo, porque é bem polêmico”: currículo de Ciências e Biologia e os atravessamentos de diversidade sexual e de gênero. **Ensino em Revista**, v. 26, n. 1, 2019. DOI:

<http://dx.doi.org/10.14393/ER-v26n1a2019-1>. Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/48426>. Acesso em: 20 abr. 2024.

DAMACENA, C. A. M.; SOARES, E. L. S.; SILVA, F. F. Corpo, gênero, sexualidade, raça e etnia nos cursos de licenciatura da Universidade Federal do Pampa. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 12, n. 3, p. 783-806, 2017. DOI: 10.7867/1809-0354.2017v12n3p783-806. Disponível em:
<https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/5571>. Acesso em: 20 abr. 2024.

FERNANDES, M. G. M. O corpo e a construção das desigualdades de gênero pela ciência. **Revista de Saúde Coletiva**, v. 19, n. 4, p. 1051-1065, 2009. Disponível em:
scielo.br/j/physis/a/XWVyyvMwKjphVxxh3HT9crmf/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20 de abr. 2024.

LEITE, V. S. M.; SANTOS, M. C. F. Abordagens de gênero, sexualidade e saúde na educação em ciências: uma pesquisa bibliográfica. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 11, n. 1, p. 105-121, 2018. Disponível em:
<https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/131/25>. Acesso em: 04 abr. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5746708/mod_resource/content/4/G%C3%AAnero%2C%20Sexualidade%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20-%20uma%20perspectiva%20p%C3%B3sestruturalista%20-%20Guacira%20Louro.pdf. Acesso em: 04 abr. 2024.

MARIN, Y. A. O.; OLIVEIRA, M. C. D. Problematizando as relações entre Química-Biologia e questões de gênero: possibilidades e desafios na educação de jovens e adultos. **Revista Debates em Ensino de Química**, v. 5, n. 2, p. 19-38, 2019. Disponível em:
<https://www.journals.ufrpe.br/index.php/REDEQUIM/article/view/2752/482483263>. Acesso em: 05 abr. 2024.

OKA, M.; LAURENTI, C. Entre sexo e gênero: um estudo bibliográfico-exploratório das ciências da saúde. **Revista Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 238-251, 2018. DOI: 10.1590/S0104-12902018170524. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/6DbV8gjdVXspry5QQ7KHKRB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 ago. 2024.

OLIVEIRA, D. A.; FERRARI, A. “No meu tempo, [...] haveria um respeito ao sexo e ao gênero das pessoas”: Reiteraões das normas de gênero e da heteronormatividade no currículo escolar. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 22, n. 48, p. 194–220, 2021. DOI: 10.5965/1984723822482021194. Disponível em:
<https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/18098>. Acesso em: 12 abr. 2024.

PAGAN, A. A. O ser humano do ensino de Biologia: uma abordagem fundamentada no autoconhecimento. **Revista Entreideias**, v. 7, n. esp. p. 73-86, 2018. DOI: 10.9771/re.v7i3. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333090185_O_ser_humano_do_Ensino_de_Biologia_uma_abordagem_fundamentada_no_autoconhecimento. Acesso em: 18 mai. 2024.

PAGAN, A. A. Entre o bélico e o diplomático: transicionar a ciência como possibilidade de humanizar a educação ambiental. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, v. 7, n. especial, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/80497676/Entre_o_b%C3%A9lico_e_o_diplom%C3%A1tico. Acesso em: 04 ago. 2024.

PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 7ª ed. Paz e Terra, 2017. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5569693/mod_resource/content/1/PERROT%20Michelle.%20Os%20excluidos%20da%20hist%C3%B3ria.pdf. Acesso em: 03 ago. 2024.

SANTOS, S. P. **Experiências de pessoas trans - ensino de biologia**. 2018. 289 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

SENKEVICS, A. S.; POLIDORO, J. Z. Corpo, gênero e ciência: na interface entre biologia e sociedade. **Revista da Biologia**, São Paulo, Brasil, v. 9, n. 1, p. 16–21, 2018. DOI: 10.7594/revbio.09.01.04. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revbiologia/article/view/108728>. Acesso em: 20 abr. 2024.

SILVA, J. D. C.; LIMA, M. J. G. S. O que eu vi na escola: relatos de uma professor de Ciências sobre questões de gênero e étnico raciais. **Associação Brasileira de Ensino de Biologia**, v. 14, n. 1, p. 213-231, 2021. DOI: 10.46667/renbio.v14i1.545. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/545>. Acesso em: 18 mai. 2024.

SOARES, Z. P.; MONTEIRO, S. S. 2019. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em Revista** 35(73): 287-305. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/KMSmJfk43rKWcRNHWHfWsfC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 abril 2024.

SOUZA, E. J. **Educação sexual “além do biológico”: problematização dos discursos acerca de sexualidade e gênero no currículo de licenciatura em Biologia**. 2018. 209 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SOUZA, L. C.; DINIS, N. F. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. **Revista Pro-Posições**, v. 21, n. 3, p. 119-134, 2010. DOI: 10.1590/S0103-73072010000300008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pp/a/BKP4pBJnhTD5QgDGDfzKCHp/?lang=pt&format=html>.
Acesso em: 05 abr. 2024.

TOLEDO, L. G.; PINAFI, T. A clínica psicológica e o público LGBT. **Revista Psicologia Clínica**, v. 24, n.1, p. 137-163, 2012. DOI: 10.1590/S0103-56652012000100010.
Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pc/a/gjCbfBRq9z7WGHvtcjxW95k/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 20 de abr. 2024.